

grupo 14: tempo sobre matéria

Annick Matalon, Fernanda Virgílio, Pedro Levorin, Pedro Medeiros.

A busca por exemplos de casos, histórias e estudos sobre a manifestação do tempo sobre diferentes materialidades nos fizeram caminhar em busca de um entendimento de motivos que se apresentam e que fazem valer os congelamentos das situações, a estima pela preservação de certas temporalidades e visualidades de corpos materiais. Da história de um cadáver embalsamado à localização de ruínas da ação antrópica caracterizadas no crescimento da fauna e da flora dentro da Floresta Amazônica, o exercício do debate da preservação e, conseqüentemente, da narração de um tempo específico através de um olhar também específico, se faz presente no campo das discussões patrimoniais em termos arquitetônicos, urbanos e artísticos.

Desde o século XIX as discussões sobre preservação tornaram-se mais palpáveis e articuladas a partir das teorias de John Ruskin, Eugène Viollet-le-Duc, Gustavo Giannoni, Camillo Sitte etc, visto que os efeitos dos processos de industrialização e conseqüentes reformas urbanas sob o óculo militar de cidades europeias atentaram contra as pré-existências. Tendo posicionamentos teóricos nutrindo a discussão sobre patrimônio, o século XX é permeado por constantes reuniões internacionais congregando diversos representantes de nações em função da criação de postulados e diretrizes gerais para a lida com preservação de materialidades e, mais recentemente, imaterialidades regionais. A Carta de Atenas (1933) e a Carta de Veneza (1964) se apresentam como marcos dentro da formulação de uma conduta patrimonial. É interessante observar que partir de uma leitura crítica da Carta de Veneza encontramos com trechos que tocam questões que abrem caminhos para a investigação aqui proposta, as quais mostram que a escolha de como preservar é, indiscutivelmente, a escolha de que narrativa carregará certa materialidade para o futuro. Buscamos entender também que toda escolha parte da ordem política e ideológica, e que soam como fator estruturante de quando se preserva algo. Um olhar crítico sobre a postura da preservação procura entender em função de que grupos sociais, eventos históricos e vontades políticas que certas materialidades procuram contar. Buscamos as narrativas dos nossos exemplos como maneira de explicitar a manipulação do tempo em função da criação de uma grande malha que é tecida pelas mãos do ser humano, colocando em perspectiva a processo da fabricação de histórias que compõe a História.

Buscamos ter a documentação como o próprio método de aproximação à matéria e às ideias que a envolvem, sendo necessário um esforço na escolha do meio adequado a cada um dos lugares e documentar não mais que o documento em sí, no limite do que se pode capturar e/ou na surpresa do que se revela pelo método de captura. E além das imagens que podem ser geradas, também entender como a própria matéria já se revela em relação a história que se quer

contar, ou melhor, como certas narrativas podem ser criadas e exaltadas a partir da leitura desse documento gráfico.

Elencamos alguns exemplos como estudos de caso para analisarmos a historiografia, ou seja, operação que se mostra possível de diferenciar a ciência escrita das memórias que possam e

obelisco, por exemplo, considerando que ele representa uma espada, nesse caso, de quatro faces. A verdade não é que uma espada tenha de fato quatro faces, mas pra as quatro faces ela é uma espada. Daí podemos compreender o que, neste caso, quer se perdurar, o que busca ser eternizado não são as histórias e seus pontos de vista mas sim um ponto de vista, que caiba na forma, na pedra, nas quatro faces. Da mesma forma em que ocorre abaixo dele, no mausoléu, a disposição dos corpos que, empilhados como tijolos de pedra, tomam emprestado sua mudez, pra doar sua voz à edificação dessa história, única e imutável, que se quer contar. Nessa pedra não cabe a exceção, e eles não voltarão pra contar a sua história. Seguirão lá, na sensação temporal de que sempre ali estiveram e que ali pra sempre restarão, no tempo, de novo, da pedra.

Analisando assim, sem ambição de apreensão total, a própria força de representação da matéria no que ela em sua constituição formal e material indica e induz. Não simplesmente que busca preservar uma memória, mas como, com quais recursos e de que forma, o que se perde, e o que se ganha, e como se relaciona com o tempo, que insiste em agitar seus átomos, trazendo sempre seu novo véu de presente.

Por outro lado, também se faz pertinente, na consciência do presente que nos envolve, compreender a fragilidade material da cidade em sua dependência dos fluxos do capital, que tipo de relação é gerada por esse impedimento repentino? Como o desenho da cidade se adequa ou se torna uma ruína de si? Como na possibilidade de imaginar a interrupção dos fluxos, vira uma enorme produção de escassez, seja pela dependência dos alimentos que chegam mas tem de nascer em outro solo, pelos rios canalizados e doentes, pelo sol raro que chega por entre a matéria. Como em um momento de excessão, as fragilidades se revelam e nós nos identificamos com o colapso, como se a possibilidade da morte de um sistema e da cidade em sua organização presente, como sendo, não só mas também, produção do mesmo, fosse o fim do mundo todo, sendo mais fácil imaginar o fim do que a possibilidade de reorganização. Neste caso, também imaginamos ser possível, através de certa ficção, se não imaginar a cidade como uma ruína, talvez o exercício de imaginá-la como um museu de entulhos e de um determinado modo de vida que não se faz mais possível, o que se preservaria? E se apagaria? E a memória? Como contaríamos essa história?